

# Conjunto arquitectónico da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo

O presente texto tem como base o estudo do Conjunto da Misericórdia de Viana do Castelo (fig. 1), uma investigação assente no levantamento arquitectónico do edifício e numa pesquisa bibliográfica em grande parte realizada nos arquivos da biblioteca local. Esta metodologia de trabalho direccionou a investigação para a análise do núcleo da Misericórdia como um processo contínuo de adição de usos e volumes, de forma faseada, decorrente das sucessivas necessidades de ampliação e melhoramento das condições do Hospital e da Igreja entre os séculos XVI e XX. O edifício desenvolveu-se durante quatro séculos, onde se foram incorporando diferentes estilos arquitectónicos, destacando-se os estilos Chão, Maneirista e Barroco, consequência de um contexto histórico e geográfico em permanente transformação.

Desta circunstância, destaca-se a necessidade portuguesa de afirmação militar além fronteiras, que utilizou a arquitectura como veículo de transformação e reforma. “A arquitectura portuguesa da Contra-Reforma é austera por falta de meios que não

sejam os da perdição e os da fogueira, racional porque deverá ser exportável e reproduzível, civil porque haverá identificação entre o Poder da Igreja e do Estado.” Foi neste contexto que se desenvolveu o estilo Chão, austero e racional, que dominou a arquitectura portuguesa durante anos e prevaleceu como suporte arquitectónico no processo de construção do Hospital e da Igreja da Misericórdia. Simultaneamente, ocorre um período de forte desenvolvimento económico, inevitavelmente reflectido na então Vila de Viana do Castelo. Pela sua localização geográfica e pelas características de “cidade” portuária, foi propícia a trocas comerciais e culturais, permitindo o intercâmbio de diferentes estilos arquitectónicos oriundos da Galiza e do Norte da Europa. O processo de construção da Casa de Misericórdia reflecte esta circunstância através do Maneirismo da Casa das Varandas e do Barroco do interior da Igreja, em contraste com o predominante estilo Chão.

O início deste processo esteve ligado a um intenso desenvolvimento urbanístico de Viana durante o século XV, que

se expandiu para além das muralhas medievais. Nasceu deste contexto um espaço de vital importância para a vida política e comercial da Vila - o Campo do Forno - hoje Praça da República, que se afirma como pólo cívico e espaço catalisador de mercado e da administração municipal. Aqui se construiu, entre os séculos XV e XVI, o novo edifício dos Paços do Concelho, o Chafariz, e a já referida Casa das Varandas, formando um Tríptico monumental muito característico da arquitectura quinhentista em Portugal. É neste contexto que se iniciou a primeira fase de construção do Hospital da Misericórdia. Fundado sobre uma antiga Gafaria - hospital de leprosos -, entrou em funcionamento em 1513 e foram-lhe adjudicadas as primeiras obras de requalificação e ampliação em 1587, data em que foi construída a Casa das Varandas, da autoria de João Lopes Moço. Esta casa de estilo Maneirista, destaca-se pelo desfasamento das varandas em relação à fachada original da Igreja existente, permitindo que a *loggia* do primeiro piso dialogue espacialmente com o Campo do Forno. Os seguintes dois pisos de varandas, além de decorarem a Casa e a Praça, iluminam os compartimentos interiores o que contribuía para a higiene das enfermarias (fig. 2). A entrada para o Hospital fazia-se pelo Portal das Chagas, elemento escultórico de excepção, de exuberância Maneirista em contraste com o racionalista estilo Chão, estruturador de toda a fachada. Num segunda fase, entre 1717 e 1718, procedeu-se à demolição da igreja existente construindo-se sobre a sua ruína, uma outra cujas medidas e proporções correspondem às da actual Igreja da Misericórdia, na medida em que incorporou uma parcela do tecido urbano. Perdurou a Capela de



1 - Casa da Misericórdia de Viana do Castelo.

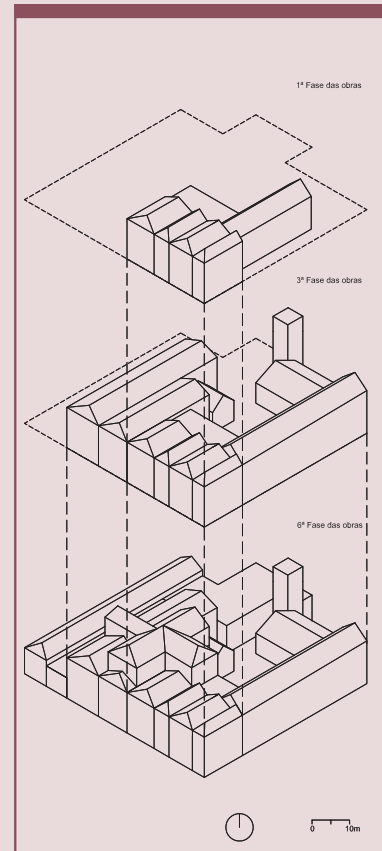
Nossa Senhora do Bom Despacho, capela de apoio à Igreja, definindo-se, entre ambas, o pátio correspondente ao cemitério pré-existente. Entre 1771 e 1773 foi acrescentado um novo edifício hospitalar contíguo ao existente. Esta terceira fase de edificação, melhorou as instalações do Hospital através do acrescento de dois módulos correspondentes à apropriação do terreno de três casas, possibilitando o uso de novos armazéns no primeiro piso e de enfermarias nos pisos superiores (fig. 2). A fachada deste novo acrescento continua a composição da fachada lateral existente, demonstrando o empenho do autor – Manuel Pinto de Vilalobos – em construir um conjunto arquitectónico e não uma soma de volumetrias. Simultaneamente foi colocado na Casa das Varandas o escudo heráldico da Santa Casa e o relógio de sol no cumhal: por esta altura, foi definido pela primeira vez como Conjunto Arquitectónico da Santa Casa da Misericórdia de Viana do Castelo. Através da apropriação de mais duas casas, deu-se início em, 1776, a um segundo acrescento do Hospital que, mais uma vez, reflectiu a preocupação dos sucessivos autores em dar uma continuidade compositiva e urbana ao conjunto. Nesta quarta fase de obras foi definido o limite actual do quarteirão da Misericórdia. Em Agosto de 1873 realizou-se um plano de melhoramento do edifício em resultado do seu mau estado de conservação. Corresponde à quinta fase de obras, que melhorou as circulações, resultando na alteração de alguns dos seus usos.

Em benefício do melhoramento da higiene pública, foram inaugurados, em 1916, os balneários da Misericórdia, localizados nos acrescentos realizados aquando da terceira fase das

obras. Assistiu-se, também nesta última fase, ao acrescento de um quarto piso para responder às novas necessidades do Hospital, que esteve em funcionamento até 1983 (fig. 2).

A apropriação de lotes da malha urbana da cidade segundo as novas necessidades foi o denominador transversal em todas estas fases de construção. Como já foi referido, apesar das constantes transformações que o conjunto foi sofrendo ao longo do tempo, os seus sucessivos autores foram sempre conscientes da necessidade de evidenciar uma linguagem arquitectónica unitária em termos urbanos e da composição formal das fachadas, recorrendo a diferentes relações métricas. De referir que, por exemplo, a extensão do alçado sul – Igreja e Casa das Varandas – corresponde respectivamente à medida de dois e sete lotes urbanos agregados. Os vãos da Casa das Varandas foram desenhados através de rectângulo de ouro e de diagonal gerados a partir de um módulo de 1,9 metros de lado, uma lógica de proporções repetida nas aberturas do alçado oeste correspondente ao Hospital.

A existência desta ordem compositiva, desde a sua primeira fase, permite que, hoje, a Casa da Misericórdia de Viana do Castelo se afirme como obra de concepção global. Evoluiu através de uma matriz estrutural que permitiu expandir-se ao longo do tempo consoante os novos usos ou carências, sem desvirtuar o seu carácter de conjunto, apropriando-se de partes da cidade e incorporando novos estilos, destacando-se o estilo Chão, predominante e principal gerador do referido racionalismo estrutural. O Barroco do Interior da Igreja e o Maneirismo da Casa das Varandas, descolam-se desta lógica,



2.

através de uma comunicação decorativa, prova da necessidade de afirmação da Casa da Misericórdia, como um dos mais importantes conjuntos arquitectónicos de Viana do Castelo.

ANDREIA ROCHA,  
JOANA PINHO,  
MÁRCIA NASCIMENTO,  
NUNO COSTA,  
Arquitectos